A Comunidade Acadêmica Internacional: um novo ator?[1]

Simon Schwartzman

O título da publicação recente da Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching, *The International Academic Profession* (Jossey-Bass Inc., Publishers, 1996), já anuncia que estamos diante de um novo ator importante no cenário mundial, o pesquisador que se mantém em contato com colegas de trabalho através de fronteiras e circula entre os centros de pesquisa do mundo com a naturalidade de quem vai de um bairro a outro da mesma cidade. Mas será que é isto mesmo? Em que medida a comunidade acadêmica é mesmo internacional, e quais as conseqüências disto para seu trabalho?

A pesquisa da Carnegie Foundation inclui respostas de professores universitários em 14 países, e os resultados, no que se refere à internacionalização, são menos espetaculares do que o título do livro faria supor. Sem surpresa, a pesquisa mostra que os países pequenos e que possuem sistemas universitários de qualidade, como a Holanda, Israel, Hong-Kong e Suécia, mas também a Alemanha, são muito mais internacionalizados como países de grande porte, como os Estados Unidos, ou com sistemas acadêmicos menos desenvolvidos, como o Brasil. Pessoas que se dedicam à pesquisa são muito mais internacionalizadas do que as que se dedicam predominantemente ao ensino, e nos países pequenos e desenvolvidos os professores universitários se vêm, sobretudo, como pesquisadores, muito mais identificados com seu campo de estudo do que com a instituição a que pertencem. Nos três últimos anos anteriores à pesquisa, metade dos entrevistados havia feito pelo menos uma viagem ao exterior, com Israel em um extremo, 90%, e Russia, Estados Unidos e Brasil no outro, com menos de 1/3.

	Ensino	Pesquisa
	(número médio de vezes)	(número médio de vezes)
Publicou em outro país	1,3	4,0
Artigo ou livro escrito em outra língua	1,2	4,2
Organizou aulas para alunos estrangeiros	1,1	1,2
	(número médio de meses)	(número médio de meses)
Trabalhou em pesquisas com pessoas do exterior	1,8	5,2
viajou ao exterior para estudo ou pesquisa	1,5	2,6
professor visitante em outro país	0,5	1,1
Passou ano sabático no exterior	0,4	0,8
Fonte: The International Academic Profession, p. 37.		
Nota: somente entre 46 e 60% das pessoas responderam a estas perguntas.		

1 Preparado para apresentação Mesa Redonda sobre "Novos Atores Sociais no Mundo Contemporâneo", 49a. Reunião Anual da SBPC, Belo Horizonte, 15 de julho de 1997.

Esta pesquisa confirma a posição peculiar dos Estados Unidos no novo contexto internacional. Como super-potência na produção científica, e tendo como língua nativa o inglês, o acadêmico norte-americano dá muito menos importância ao que ocorre no resto do mundo do que os de outros países. Perguntados sobre se conexões com acadêmicos em outros países era muito importante para o trabalho profissional, 80% ou mais de todos os entrevistados em todos os países concordavam que sim, exceto nos Estados Unidos (55%) e Inglaterra (63%). Mais de 90% de todos os entrevistados concorda que é necessário ler livros e revistas publicadas no exterior, contra somente 62% dos norteamericanos.

Os outros casos de isolamento são o Brasil e Rússia. onde os professores viajam relativamente pouco, e onde as atividades de ensino predominam sobre as de pesquisa:

Seu interesse principal é o ensino ou a pesquisa?		
	Ensino	Pesquisa
Holanda	25	75
Japão	28	72
Suécia	33	67
Alemanha	35	65
Israel	38	62
Inglaterra	44	56
Coréia	45	55
Hong-Kong	46	54
Austrália	48	52
Brasil	62	38
Estados Unidos	63	37
Chile	67	33
México	67	33
Rússia	68	32
Fonte: The International Academic Profession		

As diferenças destas tabelas podem ser explicadas, em parte, pelas diferenças nas amostras dos países, que em alguns casos, como o Brasil, incluíram no estudo professores de estabelecimentos de ensino superior que não pesquisam. Mas, de qualquer forma, eles permitem concluir sobre o verdadeiro significado da internacionalização da profissão acadêmica, e seu papel como novo ator na comunidade internacional.

Em síntese, o que os dados mostram são três situações bastante distintas, a dos Estados Unidos, e em certa medida a Inglaterra; a dos pequenos países desenvolvidos; e a dos grandes países periféricos. Os grandes países são, normalmente, mais voltados para dentro do que os pequenos, mas a grande diferença entre os Estados Unidos, por um lado, e Brasil e Rússia, por outro, é o lugar hegemônico ocupado pelos Estados Unidos no mundo de hoje. Exagerando um pouco, podemos dizer que a comunidade acadêmica americana é naturalmente internacionalizada pela posição que ocupa, sem precisar fazer nada para isto. Os pequenos países desenvolvidos fazem um esforço intenso e sistemático de manter sua

presença no cenário internacional, colocando a pesquisa como prioridade central de suas universidades, fazendo uso sistemático da língua inglesa, e mantendo atividades constantes de intercâmbio. Rússia e Brasil, cada qual à sua maneira, se mantêm relativamente isolados, sem ter as condições de competitividade dos países pequenos, e sem ocupar a posição naturalmente central dos Estados Unidos.

O que que estes países podem, ou devem fazer? É razoável supor que, em países de grande porte, o componente interno será sempre importante; mas eles devem enfrentar o desafio de construir um componente externo também significativo, e desenvolver formas adequadas de interação entre estes dois setores de seu mundo acadêmico e educacional. Sua posição, em certo sentido, é mais difícil do que a dos pequenos países internacionalizados, ou a dos Estados Unidos, já que têm que aprender a trabalhar nos dois lados, o interno e o externo, da internacionalização.

***

Caberia indagar se a internacionalização da atividade acadêmica é um fenômeno novo, e em que medida suas características atuais são semelhantes ou distintas das do passado. As universidades, em todo o mundo, são organizadas conforme os desenvolvidos na Europa a partir do século XIX, e as atividades de pesquisa e pós-graduação são cada vez mais influenciadas pelo modelo norte-americano do século XX. Esta convergência de formatos organizacionais se explica, em grande parte, pelo esforço dos países europeus em exportar suas instituições e sua cultura, tanto no interior dos antigos impérios coloniais quanto em suas respectivas áreas de influência. Depois da Segunda Guerra, proliferaram instituições multilaterais e nacionais de cooperação acadêmica, científica e técnica, que desempenharam papel importante na organização das instituições de ensino superior e pesquisa em todo o mundo, e financiaram o treinamento das elites técnicas e científicas dos países do então terceiro mundo nas universidades e centros de pesquisa dos países centrais.

Neste sentido, a atividade acadêmica já é internacionalizada há muitos anos, mas é possível que suas características atuais sejam bastante distintas do que no passado. Primeiro, pela redução progressiva dos mecanismos externos e multilaterais que impulsionavam a internacionalização. Agora, isto depende cada vez mais dos interesses de cada país. Segundo, pelo impacto que a internacionalização, mesmo quando limitada a um segmento do setor, tem sobre os demais, criando uma situação de consequências difíceis de avaliar. Terceiro, pela própria natureza do sistema científico e acadêmico internacional, que vem sofrendo o impacto da diluição progressiva das fronteiras entre o mundo acadêmico e o mundo dos interesses econômicos e comerciais. Como esta diluição de fronteiras está muito mais adiantada nos países mais desenvolvidos do que nos demais, isto cria uma situação peculiar de

desentendimento, em que o sistema internacional é olhado de formas muito distintas conforme a perspectiva de quem o vê.